

ANÁLISE DE "INSTANTE"

José Fernando Marques de Freitas Filho

Estudamos o soneto "Instante", presente em *A Vida Passada a Limpo*, conjunto de textos publicado nos *Poemas* de Carlos Drummond de Andrade, em 1959.

Buscamos apoio na teoria dos acoplamentos, formulada por Samuel Levin em *Estrutura Lingüísticas em Poesia* (livro de 1962, que lemos na tradução de José Paulo Paes, publicada em 1975). O norte-americano Levin resalta a importância, no texto poético, das convergências sintáticas aliadas às coincidências de sentido ou de configuração sonora, que ligam os termos, formando o que ele chama de **acoplamentos**. Estes podem nascer ainda a partir da matriz convencional de metro e rima, e colaboram para o efeito de **unidade** e de **memorabilidade**, que os bons poemas são capazes de produzir no espírito do leitor.

Recorremos também às análises do lingüista russo Roman Jakobson, especialmente a que tem por objeto o poema "Ulysses", parte do épico *Mensagem*, de Fernando Pessoa. Jakobson nos fornece um modelo da atenção que se deve dedicar às conexões entre som e sentido para o entendimento da poesia.

Paralelamente, observamos os aspectos relativos às imagens nas quais é rico o soneto de Drummond.

Vejamos o texto de "Instante":

Uma semente engravidava a tarde.
Era o dia nascendo, em vez da noite.
Perdia amor seu hálito covarde,
e a vida, corcel rubro, dava um coice,

mas tão delicioso, que a ferida
no peito transtornado, aceso em festa,
acordava, gravura enlouquecida,
sobre o tempo sem caule, uma promessa.

A manhã sempre-sempre, e dociaastutos
eus caçadores a correr, e as presas
num feliz entregar-se, entre soluços.

E que mais, vida eterna, me planejas?
O que se desatou num só momento
não cabe no infinito, e é fuga e vento.

O poema figura o momento em que irrompe uma paixão, ou, dizendo-o imprecisamente, algo que prenuncie amor. A semente que "engravidava a tarde" realiza o trabalho de trazer para o poeta, ao invés da noite, o dia, metáfora de começo e recomeço.

O amor perde seu "hálito covarde" ao impacto do "coice" com que a vida, "corcel rubro" (o vermelho simboliza classicamente paixão, vitalidade, luta), machuca o peito. Este, atingido, acende-se (sublinhe-se a antítese contida na relação entre "ferida" e "festa"), deixando que a dor acorde "uma promessa".

Note-se, nos quartetos, que os versos "era o dia nascendo, em vez de noite" e "acordava, gravura enlouquecida" trazem palavras semanticamente afins, "dia" e "acordava", cujas sílabas tônicas aliteram em "d" e recaem sobre o mesmo ictus, o que ocupa a terceira sílaba do verso em que respectivamente se inserem, reforçando a aludida metáfora do dia como início de um processo. Pode-se falar aqui em acoplamento triplo: há convergência simultaneamente semântica, fônica e métrica.

No primeiro verso do primeiro terceto, o poeta cria uma palavra, "sempre-sempre", dobrando o advérbio e dando ao termo composto assim obtido função adjetiva. Repare-se que esta "manhã sempre-sempre" liga-se às idéias de "dia" e "acordar" que se ressaltaram acima. Liga-se também à permanência, noção que "tempo sem caule" já observa e que se confirma, linhas adiante, com o vocativo "vida eterna".

Há doze verbos ao longo do soneto (consideraremos "transtornado", que pode ser lido como participio - "aceso" está no mesmo caso — como adjetivo). São seis nos quartetos ("engravidava", "era", "nascendo", "perdia", "dava" e "acordava") e seis nos tercetos ("correr", "entregar-se", "planejas", "desatou", "cabe" e "é"). Assim, os verbos no pretérito imperfeito e o solitário gerúndio garantem, nos quartetos, a idéia de ação passada contínua. Esses verbos descrevem uma cena ou situação existencial que os infinitivos do primeiro terceto irão complementar, sempre fiéis à idéia de ação em processo. Essa "cena" consiste no aparecimento da paixão, já se disse, sentimento que impulsiona, de acordo com o primeiro terceto, a procura e o encontro amorosos.

Repare-se, agora, que no último terceto o poeta tratará de tomar distância da situação descrita versos antes. Os verbos no presente ("planejas", "é") e a mudança que opõe o pretérito imperfeito do início ao pretérito perfeito ("desatou") sugerem um afastamento com o qual vem à

tona do texto o seu sentido: o instante em que nasce o sentimento amoroso repete-se, retorna ciclicamente, com seus impulsos, sua procura e encontros; o poema trata de sentimentos-situações básicos que, perenes, são paradoxalmente fugazes. O poeta constata: "O que se desatou num só momento / não cabe no infinito, e é fuga e vento"

Olhando para outros aspectos de "Instante", note-se que, do "erro" que faz com que "noite" e "coice" liguem-se através de rimas toantes, e não consoantes, o poeta elege uma característica da composição: a assonância em que "t" se opõe a "s" ("c" com efeito de "s") repete-se na relação entre "festa" e "promessa". Veja-se que a mesma relação consonantal soma o neologismo "dociastutos" a "soluços". Formam ainda rima imperfeita as palavras "presas/planejas". As demais rimas são perfeitas. Pertencem a pares onde há um substantivo e um adjetivo: "tarde/covarde", "ferida/enlouquecida".

Os acoplamentos se distribuem basicamente na relação entre sentido e eixo convencional de metro ou de rima. "Ferida" e "enlouquecida" ligam-se semântica e convencionalmente, do mesmo modo como se pode reivindicar ligação semântica entre "festa" e "promessa", rimas assonantes.

Há acoplamentos ao longo do eixo métrico, cujos membros estão eventualmente apenas sugeridos pela estrutura sintática. Desse modo, sintagmas compostos por substantivo/adjetivo se espalham segundo os acentos que os decassílabos heróicos ostentam (ou seja, segundo os acentos regulares que repousam sobre a sexta e a décima sílabas). Este é o caso do sintagma (implícito) "coice delicioso" (que contém uma alteração), onde "coice" tem sílaba tônica sobre a décima sílaba do verso em que se insere, e "delicioso", sobre a sexta; "peito transtornado" (tônica na sexta sílaba de seu verso); "gravura enlouquecida" (sexta e décima); "tempo sem caule" (sexta); "manhã sempre-sempre" (sexta).

Postas em posição de gênero análoga, isto é, no final dos versos (que, acrescente-se, são contíguos), "ferida" e "festa", como já foi lembrado, constituem antítese.

O segundo verso do primeiro terceto, "eus caçadores a correr, e as presas", foge ao esquema métrico de todo o soneto (o dos decassílabos heróicos), para trabalhar com o esquema métrico a que se chama **sáfico** (acentos nas quarta, oitava e décima sílabas). Com isso, o verso mimetiza o seu sentido: os "eus caçadores" como que se estendem para encontrar o icto duas sílabas à frente (Por esquema métrico entenda-se, aqui, não só o número de pés como também a posição dos acentos.)

Cumprido observar, ainda, que assonâncias em "e" fechado e nasal aparecem ligando palavras que têm também relação semântica. Assim, aponte-se o eixo "semente / nascendo / tempo / sempre-sempre /

momento / vento". Podem-se apontar outros, com menor número de elementos, como "promessa/eterna" ("e" aberto) ou "vida eterna/vento" (a aliteração em "v"). O jogo de gêneros comparece ao poema; cite-se a última estrofe: o poeta, que, com o vocativo, personifica a "vida eterna", faz com que a ela se ligue, por afinidade de gênero (o feminino) à palavra "fuga", assim como a "momento" somam-se, pelo mesmo processo, "vento" e "infinito". Essas associações não são gratuitas; sua presença ajuda a compor o sentido que articula perenidade e fugacidade, permanência e finitude e que se pode reivindicar como básico nesse soneto de Drummond.

A metáfora escolhida para figurar a procura e o encontro amorosos - que, sob o fundo da permanência paradoxalmente associada a finitude, podem resumir o tema desse texto — é a da caça. O corcel dispara, levando no dorso os eus que perseguem presas desejosas da entrega. O instante da paixão renova-se, e a manhã instala uma série de momentos infinitos em que os paradoxos do amor não se cansam de recomeçar.

BIBLIOGRAFIA

- Drummond de Andrade, Carlos. *Reunião*. Vol. I. 3. ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1987.
- Jakobson, Roman. "Lingüística e Poética", in *Lingüística e Comunicação*. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, 1988.
- "Os Oximoros Dialéticos de Fernando Pessoa", in *Lingüística. Poética. Cinema*. Tradução de J. Guinsburg, Cláudia Lemos, George Bernard Sperber e Francisco Achar. São Paulo, Perspectiva, 1970.
- Levin, Samuel R. *Estruturas Lingüísticas em Poesia*. Trad. de José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, 1975.